

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIENCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE PEDAGOGIA

SULANE PEREIRA DE SOUSA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA DE
UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO NO ESTÁGIO NO ÂMBITO DA
PEDAGOGIA HOSPITALAR**

Imperatriz
2022.2

SULANE PEREIRA DE SOUSA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA DE UMA
PEDAGOGA EM FORMAÇÃO NO ESTÁGIO NO ÂMBITO DA PEDAGOGIA
HOSPITALAR**

Monografia apresentada ao Centro de Ciências de
Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão
(CCIM/UFMA), para obtenção de grau em
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura.

Imperatriz
2022.2

SULANE PEREIRA DE SOUSA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA DE UMA
PEDAGOGA EM FORMAÇÃO NO ESTÁGIO NO ÂMBITO DA PEDAGOGIA
HOSPITALAR**

Monografia apresentada ao Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão (CCIM/UFMA), para obtenção de grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura.

Aprovado em 17/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura (Orientador)

Profa. Ma. Patrícia Alves Silva (1ª Examinadora)

Prof. John Jamerson da Silva Brito (2º Examinador)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Pereira de Sousa, Sulane.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA DE UMA
PEDAGOGA EM FORMAÇÃO NO ESTÁGIO NO ÂMBITO DA PEDAGOGIA
HOSPITALAR/ Sulane Pereira de Sousa. - 2022. 44 p.

Orientador(a): Jónata Ferreira de Moura.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do
Maranhão, 2022.

1. Estágio Obrigatório. 2. Formação Docente. 3.
Pedagogia Hospitalar. I. Ferreira de Moura, Jónata. II.
Título.

Dedico esse trabalho a todas as crianças do Hospital Municipal Infantil de Imperatriz, que foram os sujeitos dessa pesquisa para que continuem tendo um acompanhamento pedagógico adequado para alunos/pacientes hospitalizados.

AGRADECIMENTOS

Neste momento quero expressar minha gratidão a Deus pela vida e por ter me dado a oportunidade de concluir esse curso, agradeço a minha mãe Aldenir, que com sua experiência de vida e orações me dava força e coragem para seguir em frente, mantendo o foco na conclusão do curso.

Ao meu pai, Elias (em memória), que acreditava em mim, no meu potencial quando nem eu mesma acreditava que poderia ser uma acadêmica do curso de pedagogia, lembro que em uma das nossas conversas sobre futuro ele me dizia que achava tão bonita a profissão de um professor, sempre me apoiando a continuar e firmando mais ainda a minha vocação.

Sou muito grata a todos os meus colegas de turma em especial Diana Sabino, Fátima Cristina, Welington dos Santos e Débora Guimarães, amigos que contribuíram com o meu processo de formação acadêmica.

Agradeço também a nossa supervisora técnica Valdina e toda equipe do hospital que nos receberam muito bem e todas as colegas de grupo de estágio que compartilharam conosco desse momento único e enriquecedor.

Ao meu esposo que me incentivou e muitas vezes insistiu para que eu continuasse, quando me sentia cansada. Foi um companheiro e o meu melhor torcedor como ele mesmo fala. A minha filha Sarah que mesmo pequena me transmitia força, garra de querer evoluir na vida. A todos os meus familiares que me apoiaram, destacando minha sobrinha Poliana que me apoiou muito sempre quando precisava.

Agradeço a todos os professores do curso de pedagogia da UFMA, pela partilha dos seus conhecimentos conosco, expandindo a nossa visão de mundo, em relação a nós e a sociedade, nos fazendo perceber a grandiosidade que a pedagogia é e pode ser experienciado pela humanidade. Me fizeram acreditar no memorial de formação que não só é capaz de fazer história como pode transformar histórias por meio da reflexão, dando suporte para outras histórias.

Por último, quero agradecer imensamente ao meu orientador Jónata Moura, por ter me acolhido, me instruído, me direcionando na melhor forma para realizar esse TCC, sempre acreditando nesse projeto, que seria possível, me dando segurança para concluí-lo.

*Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos
na prática social de que tornamos parte.*

Paulo Freire

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como foco minha formação acadêmica no âmbito do estágio obrigatório no espaço da pedagogia hospitalar. A escolha por esse tema foi resultado do estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, em que se teve a oportunidade de realizar o primeiro momento do estágio no Hospital Municipal Infantil de Imperatriz/MA, e também pela relevância da temática para a formação da estudante, sendo um tema muito significativo para sua formação profissional. A questão de pesquisa é: Como a experiência do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II no âmbito da pedagogia hospitalar contribuiu para minha formação docente? Os objetivos são os seguintes: 1. Narrar a experiência do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar 2. Analisar as contribuições do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II no âmbito da pedagogia hospitalar, para minha autoformação. 3. Identificar as problemáticas encontradas na inserção do pedagogo/a no âmbito da pedagogia hospitalar. A pesquisa é de abordagem qualitativa de cunho autobiográfico. Os resultados revelam que atividades pedagógicas no hospital ajudam na recuperação de crianças. A pedagogia tem muito a contribuir com os hospitais, na humanização do ambiente, acolhida e acompanhamento das crianças que estão internadas, para poderem continuar com os estudos e comunicação com o ambiente escolar. Contudo, a existência do pedagogo trabalhando na equipe não basta, é necessária compreensão de médicos e enfermeiros sobre a importância desse profissional na equipe, para a recuperação das crianças hospitalizadas. O trabalho do pedagogo no hospital não pode ser isolado, ou casual; esse profissional deve ser considerado como parte integrante dos profissionais da saúde, pois seu trabalho está voltado para o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças. Ainda discorro como me vi, me senti dentro do campo de pesquisa, buscando sentidos para a ação docente em espaços não escolares.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar; Estágio Obrigatório; Formação Docente.

ABSTRACT

This Course Completion Work (TCC) focuses on my academic training within the scope of the mandatory internship in the space of hospital pedagogy. The choice for this theme was a result of the internship in Teaching in Initial Series I and II, in which we had the opportunity to carry out the first stage of the internship at the Municipal Children's Hospital of Imperatriz/MA, and also due to the relevance of the theme for the formation of the student, being a very significant theme for their professional training. The research question is: How did the experience of the Teaching Internship of Initial Series I and II in the context of hospital pedagogy contribute to my teacher training? The objectives are the following: 1. To narrate the experience of the Internship in Teaching of Initial Series I and II, within the scope of hospital pedagogy 2. To analyze the contributions of the Internship in Teaching of Initial Series I and II in the scope of hospital pedagogy, for my self-training. 3. Identify the problems found in the insertion of the pedagogue in the context of hospital pedagogy. The research is a qualitative approach of an autobiographical nature. The results reveal that pedagogical activities at the hospital help children recover. Pedagogy has a lot to contribute to hospitals, in the humanization of the environment, reception and follow-up of children who are hospitalized, so that they can continue with their studies and communication with the school environment. However, the existence of a pedagogue working in the team is not enough, it is necessary for physicians and nurses to understand the importance of this professional in the team, for the recovery of hospitalized children. The pedagogue's work in the hospital cannot be isolated or casual; this professional should be considered as an integral part of health professionals, as their work is focused on the emotional and cognitive development of children. I still talk about how I saw myself, how I felt within the research field, looking for meanings for the teaching action in non-school spaces.

Keywords: Hospital Pedagogy; Mandatory Internship; Teacher Training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO.....	14
2 O ESTÁGIO EM MAGISTÉRIO DE SÉRIES INICIAIS I E II, NO ÂMBITO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR: COMO TUDO ACONTECEU E QUAIS AS APRENDIZAGENS.....	28
2.1 A realização do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar.....	28
2.2 As contribuições do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar, para formação acadêmica.....	34
2.3 As problemáticas encontradas no Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar.....	38
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como foco minha formação acadêmica no âmbito do estágio obrigatório no espaço da pedagogia hospitalar. Algo muito recente nas discussões acadêmicas na cidade de Imperatriz e no curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão (CCIM/UFMA).

A escolha por esse tema foi resultado do estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, em que tivemos (no semestre de 2021.2) a oportunidade de realizar o primeiro momento do estágio no Hospital Municipal Infantil de Imperatriz/MA. Como também na relevância da temática que para mim¹ foi um trabalho muito significativo, destaco ainda a atuação do pedagogo com as famílias, os profissionais da saúde e as crianças hospitalizadas, pois não conhecia como funcionava a pedagogia hospitalar e seus benefícios dentro do processo de humanização do ambiente hospitalar.

Desse modo narro minha atuação como estagiária no ambiente hospitalar. Narro meus sentimentos no campo de estágio/pesquisa, como desempenhei minhas atividades acadêmicas em um ambiente não escolar, assim reflito sobre os momentos mais significativos de aprendizagens que contribuíram para minha formação acadêmica e humana.

Realizo uma pesquisa autobiográfica, que para Cruz e Ventura (2019) tem se intensificado atualmente dando sentido aos mais diferentes textos narrados, assim ela vem se destacando no cenário de investigação das ciências humanas, como métodos para pesquisas de pessoas que desejam narrar o seu processo de formação, bem como a construção de sua identidade docente. Nesse sentido,

Costuma-se lembrar que a abordagem (auto)biográfica nas Ciências Humanas e Sociais surge na Alemanha, com os trabalhos de Wilhelm Dilthey (1833-1911), numa ruptura com os modelos positivistas. Dilthey (1992) coloca a *reflexividade autobiográfica* no centro do paradigma compreensivo e toma a autobiografia como modelo hermenêutico para a compreensão do mundo humano. (PASSEGGI, 2010a, p. 28, grifo da autora, apud MOURA, 2019, p. 65)

¹ Ora a escrita será na primeira pessoa do singular, momento em que exponho minha atuação no hospital como estagiária; ora na primeira pessoa do plural, momentos em que o grupo de estágio aparecer, e também compartilho a escrita com os autores que me ajudaram a entender a temática, e ainda, os resultados das discussões que tive com meu orientador.

Minhas palavras nesse trabalho se assemelham com a ideia de palavra de Passeggi (2011), em que não é algo simples ou dita por acaso, mas uma forma de construir uma realidade, no meu caso, a realidade que experienciei no Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar. Assim,

Se as palavras não são apenas uma representação da realidade, mas uma forma de construir uma realidade humana, ou de humanizar a realidade transformando-a em discurso, propomo-nos a começar pela etimologia do termo experiência, que evoca sua natureza cambiante e sua estreita relação com a formação humana. (PASSEGGI, 2011, p. 148)

Podemos considerar sobre essa perspectiva que nossas experiências serão avaliadas sobre tudo que acontece, de que forma nos afetou, pois, ao narrar nossas histórias de vida atribuímos um novo significado para as nossas ações. Para Passeggi (2011, p.147) “ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se”.

Portanto, destaco a relevância deste TCC para a minha formação acadêmica. Como sempre quis ser professora, cuidar das pessoas, ensinar com amor e dedicação, antes voltada somente para escola, agora, após o Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II no âmbito da pedagogia hospitalar, percebi outra possibilidade de interação e aprendizagem, com uma diferença: o planejamento tem que ser mais abrangente, atendendo crianças de várias faixas etárias, com atenção aos cuidados médicos que suas enfermidades exigem. Além disso poder atuar na recepção do hospital, na sala de medicação e na brinquedoteca, com crianças de até 12 anos de idade, me favoreceu usar várias atividades pedagógicas de acordo com a faixa etária delas e com os espaços do hospital onde vamos realiza-las.

Desse modo, a questão de pesquisa do presente TCC é: Como a experiência do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II no âmbito da pedagogia hospitalar contribuiu para minha formação docente? Para me ajudar no desenvolvimento da questão acima, elenco os seguintes objetivos: 1. Narrar a experiência do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar 2. Analisar as contribuições do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II no âmbito da

pedagogia hospitalar, para minha autoformação. 3. Identificar as problemáticas encontradas na inserção do pedagogo/a no âmbito da pedagogia hospitalar.

O presente TCC está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo narro minha trajetória escolar e acadêmica, destacando os pontos mais significativos dessa construção; informo minhas aprendizagens, desafios e conquistas que tracei ao longo do meu processo formativo.

No segundo capítulo apresento minha pesquisa, com características próprias de como me senti, como realizei a pesquisa e o que aprendi com todo o trabalho feito no Hospital Municipal Infantil de Imperatriz/MA.

Ademais, discorro sobre as principais problemáticas que encontrei no campo de pesquisa como também aponto algumas ideias, com fundamentação na pedagogia hospitalar que atenda a formação continuada de professores para atuarem nessa área.

1 HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. (BARROS, 2015, p.124)

Apresento minha trajetória escolar e acadêmica, retomando as lembranças e marcas que ficaram do contato com a escola, enraizadas na minha formação. Efetivamente, considero que as marcas mais profundas ficaram com as primeiras aprendizagens, no contato direto com minha família e a natureza.

Nasci no ano de 1986, no interior do município de João Lisboa/MA, em um povoado conhecido como Murajuba. Segundo meus pais, nasci pelas mãos de uma parteira muito conhecida por todos desse povoado, ela era chamada pelo nome Lúcia. Meus pais moravam em um sítio nessa localidade onde eu e meus oito irmãos nascemos, uma família grande composta de onze pessoas. A nossa família tinha a agricultura familiar como forma de subsistência.

Para muitas famílias do campo a agricultura familiar tem sido o suporte de sobrevivência, esses grupos em que trabalham em regime de economia familiar ou individual, com o propósito de garantir alimento para si e em alguns casos para a venda. No tocante a essa questão identificamos que:

A agricultura familiar, incentivada por importantes organismos internacionais, é um modelo que não só gera emprego e garante a qualidade de vida, mas assegura também um desenvolvimento sustentável e em harmonia com o meio ambiente. (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 10)

Os autores acima, destacam que a educação para o campo deve ser observada com muito cuidado, em especial, a realidade das comunidades, o assentamento, destacando a importância da agricultura familiar e da educação do campo para os povos do campo, isso porque as pessoas aprendem em sua comunidade, em sua família e outros espaços que promovem aprendizagens, as quais devem ser incorporadas no currículo, valorizando as pessoas do campo e suas aprendizagens no cultivo da terra.

Dentro do meu quintal eu podia ser o que quisesse ser, usando minha imaginação eu podia ser uma princesa ou uma fada, me sentia livre. Minha infância foi de diversas brincadeiras, entre elas, brincar com terra, banhar em pequenas

nascentes do riacho Murajuba, correr pelas ruas do interior com outras crianças sem a preocupação de acidentes com carros e motos, brincar de esconde esconde nas árvores do sítio e durante a noite ouvir histórias contadas pelos meus pais, avós, e outros, as vezes cantar canções evangélicas ao som de um violão. As brincadeiras de roda, esconde esconde, amarelinha e outras também fizeram parte da minha infância, o simples brincar seja de casinha, de peteca, de pião, me incluía no mundo infantil na procura de encontrar significado para aquelas brincadeiras. O objetivo maior era fazer novas amizades, afinal criança é criança em qualquer lugar do mundo e elas se entendem com as mesmas brincadeiras; as vezes pode mudar o nome da brincadeira dependendo da região, mas o sentido é o mesmo. Sobre as brincadeiras, Vigotski (1991, p. 73), considera “a brincadeira do faz-de-conta como um dos grandes contribuidores para o desenvolvimento da linguagem escrita - que é um sistema de simbolismo de segunda ordem.”

Concordo com o autor ao afirmar que a brincadeira é essencial para o desenvolvimento infantil, destacando o faz de conta, porque através dela as crianças podem interagir com os adultos e outras crianças, criando, recriando histórias, dando outros destinos para os personagens através da imaginação.

No meu caso, as histórias contadas foram repassadas dos meus avós para os meus pais, e nessas histórias contadas tinha romance, heroísmo, frustração, coragem e conquistas. Durante a história eu ficava imaginando como seria viver naquele período, e se fosse comigo como eu resolveria tal dilema. Eu ficava pensando...

No ano de 1990, mudamos para a zona urbana da cidade em razão do meu pai passar a ser diretor do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de João Lisboa. Nessa época eu tinha apenas 4 anos de idade, não me recordo com todos os detalhes, porém minha mãe conta que meu pai fretou um carro para trazer os filhos e os poucos móveis que tínhamos, sendo que esse dia foi apontado por nós, como o início de uma vida nova, que nos trazia a esperança de dias melhores em relação ao trabalho do meu pai e os estudos dos meus irmãos. Mas a casinha do sítio até os dias de hoje permanece com o mesmo aconchego familiar, lugar que nos traz a memória o passado de uma vida simples e das primeiras aprendizagens, como podemos ver na foto abaixo:



Foto 1: Casa do sítio, povoado Murajuba em João Lisboa/MA
Fonte: Arquivo pessoal

Meus pais são minha referência e exemplo de pessoas que eu quero seguir. Estudaram até a 4ª série do Ensino Fundamental, mas sempre me incentivaram a seguir em frente com os estudos, informando que não tiveram a mesma oportunidade. Dentre os seus nove filhos, dois entraram na universidade, mas somente uma conseguiu permanecer ativa no curso: eu.

Minha trajetória como estudante deu-se aos 5 anos de idade, em uma escola próxima a minha casa. Tenho poucas lembranças dessa fase da minha vida, lembro da minha primeira professora, chamava-se Suzana, uma pessoa muito simpática, com ela estudei a 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Em seguida passei a estudar na escola Estadual Rio Amazonas onde concluí o Ensino Fundamental e Médio.

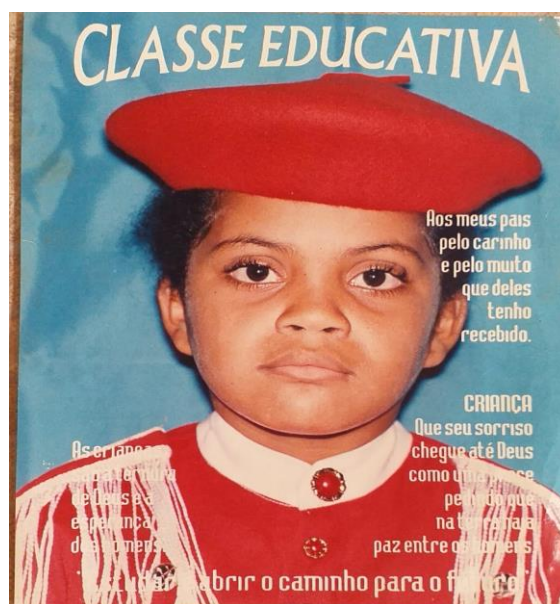


Foto 2: Lembrança Escolar do Ensino Fundamental, Escola Rio Amazonas, João Lisboa/MA
Fonte: Arquivo Pessoal

Recordo-me que minha primeira sala de aula funcionava em uma Associação de Moradores do Bairro Cidade Nova, um local muito apertado, mas muito acolhedor. Lembro que fui ensinada de forma tradicional, ouvíamos o hino nacional no pátio, éramos organizados em filas com um espaço de um braço do colega que estava a nossa frente, levantávamos quando a diretora chegava na sala e juntos falávamos *bom dia, seja bem-vinda à nossa sala* e só sentávamos quando ela autorizava. Sobre os recursos utilizados, foram o quadro, giz e o livro didático. Em consequência disso tive muitas dificuldades de aprendizagem no meu período de letramento e alfabetização.

A pedagogia tradicional, segundo Mortatti (2006, p. 1) mostra que “desde o final do século XIX, especialmente com a proclamação da República, a educação ganhou destaque como uma das utopias da modernidade”. Isso porque o país passava por mudanças sociais e se via a necessidade da expansão de escolas por todo país. Podemos observar que a pedagogia tradicional ganhou força e existe até os dias de hoje, um logo caminho na nossa história e ainda há os que acreditam na sua eficiência.

A pedagogia tradicional preza pela transmissão de conteúdo, excessos em exercício, ditado, cópia, castigos, não estavam mais de acordo com a modernidade da época. Porém, ainda existia disputa entre as tendências pedagógicas tradicional e construtivista, que era a mais indicada para o nível de país que se almejava. Mortatti (2006, p. 8), complementa que:

Nesse 2º momento, que se estende até aproximadamente meados dos anos de 1920, a ênfase da discussão sobre métodos continuou incidindo no ensino inicial da leitura, já que o ensino inicial da escrita era entendido como uma questão de caligrafia (vertical ou horizontal) e de tipo de letra a ser usada (manuscrita ou de imprensa, maiúscula ou minúscula), o que demandava especialmente treino, mediante exercícios de cópia e ditado. É também ao longo desse momento, já no final da década de 1910, que o termo “alfabetização” começa a ser utilizado para se referir ao ensino inicial da leitura e da escrita.

Lembro que certa vez, quando estudava na turma de alfabetização, tive que decorar o texto “*vai embora chuva feia, Renatinho quer brincar, pode chover outro dia, mas agora chuva feia não venha me atrapalhar*”. Até hoje trago a memória alguns textos utilizados em sala de aula pelos meus professores. Relembro que ao iniciar a aula a professora era recebida por nós com uma música:

Bom dia professora como vai? A nossa amizade nunca sai, faremos. O possível para sermos bons amigos, bom dia professora como vai? Bom dia amiguinho como vai? A nossa amizade nunca sai, faremos o possível para sermos bons amigos, bom dia amiguinho como vai?

Dessa forma, analiso que havia uma mistura de sentimentos, porque gostava da escola, dos professores, dos amigos, mas aquelas regras para memorização às vezes me deixavam com uma sensação de incapacidade. Noto que a todo momento fomos rotulados entre os que conseguiam aprender e os que tinham dificuldades de aprendizagem.

Relembro que quando estudava a 3^o série do ensino fundamental, fomos divididos em duas turmas: A e B. A turma A era para os alunos mais avançados, chamavam de forte, a turma B era para os alunos que precisavam melhorar, chamavam de fraca. Eu fiquei na turma B, mas gerava em mim um desconforto, vergonha e certa competitividade de querer avançar, afinal ninguém quer ficar na turma fraca. Considero que, do mesmo modo que causava nos estudantes o desejo de melhorar, também excluía causando baixo estima, desinteresse até mesmo abandono.

Igualmente por essa razão muitas crianças ou adolescente foram afastadas da escola por não se adequarem, causando números altíssimos de evasão escolar. Paulo Freire questiona, não só isso, mas o modo como o ensino era realizado nesse tipo de escola:

Será tão difícil supor que enfileirar dezenas de crianças em uma sala fechada, depositando conteúdos nos quais elas não enxergam qualquer relevância, e esperar que se mantenham quietas e concentradas por cinco, seis ou mais horas por dia é absurdo? (MARTINS, 2014, p. 25)

Concordo com o autor quando ele enfatiza que com esse procedimento de ensino muitas crianças apresentam muitas dificuldades de aprendizagem, mal comportamento, deixando a impressão de que são desinteressados e não querem aprender.

Entendo que essa maneira de ensinar faz parte da formação de uma sociedade seletiva, excludente e competitiva, logo os alunos devem desenvolver muitas habilidades e aprender a ser assim. Consequentemente muitas pessoas que

não conseguem se adaptarem a esse sistema são consideradas incapazes de aprender, desse modo ficam fora da escola.

Recordo que comprávamos a cartilha do ABC e a tabuada junto com o material didático, os professores nos seus respectivos horários pediam a leitura do ABC e da tabuada, se os alunos não soubessem a resposta correta recebiam punições, por exemplo: não iam para o recreio, escreviam repetidamente o alfabeto por várias vezes até memorizar cada letra. Da mesma forma era a matemática: ter que decorar todas aquelas tabelas de números que não faziam nenhum sentido era uma obrigação.

No entendimento de Moura (2019), sobre a cultura do ensino da matemática escolar pela/ou com a tabuada, há muitas pesquisas brasileiras que nos revelam que, “historicamente, o uso desse artefato escolar foi sendo modificado conforme surgiam as abordagens do processo de ensino e aprendizagem ou as tendências pedagógicas” (MOURA, 2019, p. 148), assim:

Ao longo do tempo, o ensino da tabuada assume um caráter de forte memorização até mesmo precoce, para depois ser associado ao uso de jogos, brincadeiras, músicas, parlendas, trava-língua, entre outros recursos didáticos idealizados como envolventes e lúdicos, amenizando o sofrível processo de memorização (NÜRNBERG, 2008). (MOUA, 2019, p. 148)

Em decorrência disso o maior impacto que tive em relação as aprendizagens foi o receio de me expressar, as vezes guardava dúvidas que poderiam ser elucidadas. Dito isso, trago a música de Zeca Baleiro (2018), que era exatamente como eu me sentia em relação as aulas de matemática.

*Nunca fui muito bom em matemática
Coisa que eu só aprendi na prática
Sete e sete são catorze
Com mais sete, vinte e um
Com mais nove, trinta
Menos vinte, uma dezena
Veze três, outra vez trinta
Mais setenta, uma centena
Dois mais dois dá quatro
Com quatro dá oito
Com oito reais posso comprar biscoito
Menos dois dá seis
Daí eu compro um kinder ovo*

*Se não entendeu
Posso explicar de novo*

(Música Matemática de Zeca Baleiro)

Era na prática, no meu dia a dia que as questões de matemática eram aprendidas por mim. Fazia relações com o conteúdo estudado em sala de aula com as coisas do meu cotidiano. Mas acredito que o professor pode tornar essas aulas mais atrativas para os alunos.

Aqueles textos do livro não se apresentavam interessantes para mim, as histórias do livro didático não faziam sentido para minha realidade, talvez foi essa a minha maior dificuldade para aprender a ler. Depois de muito esforço e ajuda dos meus professores consegui fazer pequenas leituras. Minha mãe ficou tão feliz que me deu uma bíblia de presente. Gostava de ler aquelas histórias da bíblia, que às vezes parecia que eu fazia parte daquelas personagens históricas do livro sagrado.

Minha percepção em relação a gestão da escola era um sentimento de medo, porque sempre observava o que os professores diziam aos alunos que não se comportassem na sala de aula: iriam para a diretoria. Essa expressão me deixava com receio e procurava ficar longe dessa tal diretoria. Ao meu ver se tratava de um castigo ou punição para as crianças que não se comportassem adequadamente.

Os castigos escolares certamente eram a salvação da escola. Durante minha trajetória como estudante, já passei pelos castigos físicos como ficar de joelho por um determinado tempo, levei palmatória uma única vez, diferente das primeiras palmatórias essa era um pedaço de madeira, parecia uma régua, só que maior e mais larga, fiz cópia repetidamente das questões quando errava. Dessa forma se aprendia não por querer aprender a disciplina escolar, mas pelo medo de ficar de castigo.

De fato, uso da afirmativa de que os castigos físicos aplicados no contexto escolar não são práticas antigas; ao contrário, são aplicados no cotidiano de algumas salas de aula pelo Brasil afora. Infelizmente já presenciei, durante minha trajetória como psicóloga escolar, cenas de beliscões, puxões de orelha e tapas da boca de alunos. Jornais e revistas também costumam denunciar ações similares, ocorridas especialmente na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental. (ARAGÃO, 2013, p. 3)

Durante minha infância não tive contato direto com os gestores da escola, porque esse medo se tornava uma barreira para as relações e laços de afetividade. Contudo, com os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental eram diferentes, eu gostava de todos, como também gostava da escola e dos colegas. Talvez isso possa explicar o meu desejo em ser professora.

Recordo-me que quando criança brincava de escolinha com as amigas. Eu fazia a personagem da professora e fui construindo ao longo do meu Ensino Fundamental e Médio o perfil de professora que eu queria ser. Isso me lembra da importância da representatividade e das brincadeiras de faz-de-conta que Vigotski (1991) afirma ser fundamental para o desenvolvimento da criança.

No ano de 2002 iniciei um curso de Magistério no Colégio Aluísio Azevedo em Davinópolis/MA, começando um novo ciclo em minha formação. Quando ingressei no curso de magistério tinha muitas expectativas, mas já tinha a convicção de que queria seguir essa profissão. Tinha muitos questionamentos sobre a aprendizagem de crianças pequenas, alguns dessas dúvidas foram sanadas outras só encontrei a resposta no curso de pedagogia.

Segui em busca de tentar descobrir como seria estar como uma professora na sala de aula, e no estágio tive a oportunidade de vivenciar até descobrir como me sentiria nessa ação. Estive como estagiária nas turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, e gostei bastante, pois viver essa experiência era a realização de um sonho: me tornar professora.

Porém continuei com a procura de resposta para o meu questionamento de querer saber *como as crianças pequenas aprendiam*, porque eu acompanhava algumas crianças pequenas da minha família e observava que elas aprendiam a andar, a falar, depois iam para a escola e aprendiam a ler a escrever. Posso afirmar que essa resposta só obtive anos mais tarde na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que, por intermédio desse conhecimento tive o privilégio de ensinar minha filha a ler e escrever.

Após terminar o magistério não trabalhei na área, porque não tive chance em uma vaga na cidade onde moro, no entanto trabalhei em outras funções, como monitora em uma escola de informática, em que me via também como uma professora, depois trabalhei como Conselheira Tutelar de João Lisboa/MA. Contudo, nunca desisti, persisti no meu sonho, sempre fazia vestibular na esperança e ser aprovada no curso de pedagogia.

Enfim, iniciei minha vida acadêmica no segundo semestre do ano de 2016, ao ingressar no curso de Pedagogia. Sobre minhas dificuldades e conquistas eu posso relatar que é difícil residir em outro município do da Universidade. Porém, essa distância somente me fez aproveitar cada hora de aula. Esse curso foi um divisor de águas na minha formação, em aprendizagens e desenvolvimento profissional, como pode ser representado na canção abaixo:

Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz
Manso ou feroz
Eu, caçador de mim
Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar
Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim
Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo, medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai
Sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim

(Música caçador de mim de Sergio Magrão e Luís Carlos Sá, 1988)

Minha trajetória no curso de Pedagogia é a realização de um sonho. Quando iniciei o curso uma das questões que mais ouvi foi *o que me motivou a ser um docente*. Minhas respostas me recordavam a um passado distante quando fiz o Ensino Fundamental, lembrava das brincadeiras com meus amigos, das aulas, dos meus professores e das relações construídas com todos eles.

A música acima de Sergio Magrão e Luís Carlos Sá (1988), me faz refletir que também sou uma caçadora de mim, muitas vezes me perdi, me encontrei, continuo sonhando e acreditando que será possível mesmo com todos os desafios concluir mais esse ciclo de minha formação.

No curso de pedagogia, logo iniciaram as disciplinas e aprendi muito. Foram muitos momentos relevantes, vários encontros, seminários e trabalhos acadêmicos que me fizeram deixar o medo de lado e arriscar, na escrita e nas apresentações.

Fiz também trabalhos práticos em escolas públicas, os quais me fizeram gostar ainda mais da experiência de ser professora. E me refiro à experiência como faz Moura (2019), ao se firmar em Contreras (2013) e Larrosa (2002, 2014): “são situações que nos tocam, que nos passam, que nos acontecem, que nos mobilizam, que nos transformam.” (MOURA, 2019, p. 13) e por isso, “a experiência não se assemelha com experimento, tampouco contém algum tipo de dogmatismo ou autoridade, não se resume ao fazer prático nem mesmo a um imperativo, não possui um conceito petrificado e universal.” (MOURA, 2019, p. 14).

Percebo a importância dessas atividades para formação do acadêmico, pois possibilita que ele busque o caminho da pesquisa, organize de suas leituras e apresente oralmente por meio de seminários, seja individual ou em grupos.

O seminário tem sido uma das estratégias metodológicas utilizadas durante o curso de graduação que mais foi utilizado, proporcionando ao aluno utilizar os recursos tecnológicos, criar habilidades, capacidade de expressão fazendo uso da fala. Mais ainda, conduz o aluno a buscar outras fontes que complementem o tema a ser apresentado no seminário, leva ao trabalho colaborativo, como defendem Zanon e Althaus (2010, p.13):

Repensar o tempo e o espaço da aula universitária por meio de seminários, pressupõe envolver professores e alunos sob a lógica de trabalho colaborativo, tendo como referencial a organização didática de todo o processo, evidenciando os elementos essenciais – ensinar, aprender, pesquisar e avaliar, assegurando a qualidade requerida na formação acadêmica.

Para as autoras o seminário é um trabalho feito com professores e alunos, em que todos têm sua função. A do professor é de explicar como deve ser feito o trabalho oferecendo fontes de pesquisa de acordo com o tema proposto. O aluno assume a função de investigador, se apropria do conteúdo com domínio e se coloca à disposição das questões que serão problematizadas pelos outros alunos que irão assistir o seminário.

Na apresentação do seminário, entendo que todos aprendem porque compartilham conhecimentos, os alunos aprendem o que estudam e explicam de acordo com os resultados de sua pesquisa, os professores auxiliam no processo, acompanham, mediam e com suas práticas pedagógicas têm o retorno dos alunos conforme o aproveitamento construído por eles mediante a troca de experiências.

Por isso acredito que o seminário é algo além da transmissão de conteúdo, o fazer seminário, revela o percurso que o aluno vai desenvolvendo para chegar ao resultado final que será apresentado aos demais colegas ouvintes.

Das disciplinas que estudei, gostei mais de *Projeto I e II*, o mais desafiador era ter de fazer um projeto e apresentar, depois fomos avaliados por três professores da UFMA. Meu trabalho foi avaliado pelos professores Batista, Carlos Humberto e Herli, com o Tema: *Como se dá a utilização do livro de imagem na educação infantil da cidade de João Lisboa/MA.*

Gostei também de *Currículo, Educação Especial, Artes e Educação, Fundamento e Metodologia de Ensino da Matemática*. Consegui aprender muito nessas disciplinas. Aprendi que devemos levar em consideração a realidade de cada criança dentro de sua especificidade de forma que desenvolvamos o interesse e a curiosidade das crianças, concomitante com o assunto que o professor trabalhará com elas.

Particpei do III Simpósio de Educação Especial, apresentando um trabalho realizado com uma criança com acuidade visual de uma escola pública de Imperatriz/MA. Fizemos (eu e uma colega de curso) o acompanhamento por uma semana, percebemos que ele contava com o apoio de uma leitora, que adaptava todas as atividades. Em um dia de visita na sala de aula o aluno estava participando junto com os colegas da turma de uma seleção para ver qual aluno iria representar a turma no projeto *Soletrando* que a escola estava promovendo. Foi incrível ver o quanto o aluno com acuidade visual se relacionava com os colegas e a professora, sendo que este aluno foi um dos representantes da turma no projeto da escola.

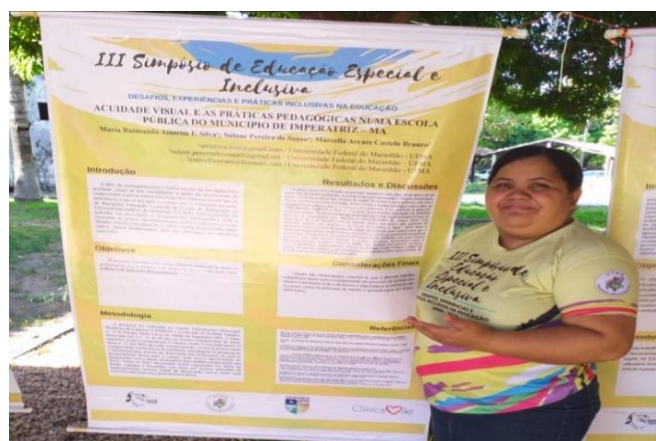


Foto 3: III Simpósio de Educação Especial – UFMA
Fonte: Arquivo pessoal

Fizemos a exposição do nosso trabalho no corredor da UFMA, apresentando para todas e todos os acadêmicos da universidade que se aproximavam querendo conhecer o nosso trabalho. Em seguida fomos avaliados pelas professoras Flaviana e Marcela.

Esse trabalho foi muito significativo para minha formação, a cada experiência nova aprendemos, ensinamos, compartilhamos saberes e com o resultado desse Simpósio aprendi que as crianças com deficiência também aprendem, se relacionam com outros, brincam e são sujeitas de suas próprias aprendizagens. Para tanto o aluno me mostrou que o professor não trabalha sozinho, ele precisa de um profissional que faz o acompanhamento ao aluno e adapta as atividades para ele. Participar desse evento me fez ter a noção de como trabalhar em sala de aula que tenha crianças com deficiência.

Destaco a semelhança que vejo entre o curso de magistério e o curso de pedagogia, os dois têm o mesmo objetivo: formar profissionais para ensinar crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, porém eu queria mais conhecimentos em relação as outras áreas de atuação do pedagogo, como gestão, coordenação pedagógica, e outros. Isso é o que o curso superior me proporcionou: ampliou meus conhecimentos e me fez pensar criticamente.

Dessa forma, destaco o Estágio em Gestão e Organização de Sistemas Educacionais, como uma disciplina que me marcou positivamente, pois foi um momento de troca de aprendizagem entre eu, os acadêmicos, a escola e as famílias. Fizemos (eu e a equipe de estágio que eu fazia parte) duas ações, uma foi a auto avaliação institucional dos indicadores de qualidade educacional e uma mesa redonda em que conversamos com os pais ou responsáveis dos alunos sobre os principais riscos que as crianças e adolescentes estão expostos na atualidade, como: drogas, violência, uso excessivo de aparelhos tecnológicos, jogos e outros. Tivemos também apoio de uma psicóloga e de uma conselheira tutelar.

Sobre os indicadores de qualidade da educação, foram avaliadas as dimensões: ambiente educativo; práticas pedagógicas; avaliação; gestão escolar democrática; formação e condições de trabalho dos profissionais da escola; ambiente físico escolar; acesso, permanência e sucesso da escola. No momento da mediação estavam presentes os pais, a gestora, os professores, alunos e demais funcionários da escola, todos participaram e fizeram suas contribuições.

Esse trabalho foi o que mais chamou minha atenção, porque tivemos o contato direto com a gestão da escola e com as famílias dos alunos. Durante a mesa redonda tivemos o retorno dos pais que relataram estarem vivendo ou conheciam alguém que estavam sofrendo alguns dos riscos que estavam sendo expostos, como as drogas, violência, uso excessivo de aparelhos tecnológicos, jogos e outros.

Essas atividades me fizeram pensar sobre a gestão escolar, à qual é uma área de ação dos profissionais que atuam nos espaços escolares para organizar o funcionamento da escola de forma participativa, trabalhando coletivamente com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino para os alunos.

Em caráter abrangente, a gestão escolar engloba, de forma associada, o trabalho da direção escolar, da supervisão ou coordenação pedagógica, da orientação educacional e da secretaria da escola, considerados participantes da equipe gestora da escola. Segundo o princípio da gestão democrática, a realização do processo de gestão inclui também a participação ativa de todos os professores e da comunidade escolar como um todo, de modo a contribuir para a efetivação da gestão democrática que garante qualidade para todos os alunos. (LÜCK, 2009, p. 23)

Concordo com autora ao destacar que a gestão escolar precisa ser democrática e participativa, sendo todos sujeitos ativos do processo de ensino e aprendizagem. Ensinar de forma democrática mostra caminhos para que o aluno aprenda, a fim de que ele desenvolva seu senso crítico, e que seja capaz de respeitar a opinião dos outros, para ter uma boa convivência em sociedade.

Com isso, aprendi que uma boa gestão tem princípios de gestão democrática, em que o gestor é um líder que organiza, planeja, mobiliza estratégias coletivamente, as quais interaja com o currículo escolar e as culturas das famílias locais dependendo de cada região.

Considero essas atividades muito relevantes para a minha formação, porque foi através dessas experiências que tivemos contato com uma gestão escolar, logo pude comparar a prática com os conteúdos estudados na universidade.

Como eu não tenho experiência em sala de aula, o momento mais esperado era o Estágio em anos iniciais do Ensino Fundamental, mas fomos surpreendidos com a pandemia da Covid-19 em 2020, em que a única alternativa que se tinha era o isolamento social e higienização das mãos. As recomendações sanitárias eram para que escolas fossem fechadas, a fim de diminuir o fluxo de pessoas circulando, com isso pudemos dar continuidade ao estágio que só havia 1 semana de iniciado.

Qual foi a saída que o curso teve? Promover webinários, minicursos, aulas remotas e outros com a finalidade de levar conhecimento aos universitários e também uma forma de continuar com as atividades, contribuindo com os acadêmicos. No segundo semestre de 2021, depois de vacinados, tivemos a oportunidade de fazer parte do estágio presencial em anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo o Hospital Municipal Infantil de Imperatriz como um dos locais para sua realização.

O estágio no hospital certamente foi a grande novidade do curso de pedagogia da UFMA, porém estávamos querendo saber como funcionaria na prática. Como seria a atuação do pedagogo hospitalar e quais os benefícios que poderiam trazer para os alunos, encontramos a resposta durante o cotidiano nas realizações das atividades, com as interações das crianças e das relações construídas com elas nesse percurso em que serão discutidas mais a frente.

No tocante a nossa inserção no hospital, foi algo desafiador mais muito gratificante, a nossa percepção foi de encontro a nossa formação como docentes em formação, tínhamos a consciência que estávamos no hospital, logo as atividades apresentadas as alunos/as deveriam ser atividades educativas, então avaliamos o ambiente, o nosso público alvo, e as possibilidades de atividades que poderiam ser desempenhadas para crianças hospitalizadas.

É sobre minhas experiências nesse estágio que esse TCC se materializa. A seguir tratarei sobre a realização do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar, abordando suas contribuições para formação acadêmica e ainda, refletindo acerca das problemáticas encontradas.

2 O ESTÁGIO EM MAGISTÉRIO DE SÉRIES INICIAIS I E II, NO ÂMBITO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR: COMO TUDO ACONTECEU E QUAIS AS APRENDIZAGENS

Nesse capítulo, apresento a relevância da pedagogia hospitalar para a formação acadêmica em pedagogia, pois mediante essa temática podemos desenvolver valorização dos seres humanos, a ter empatia, a cuidar do outro. Ter a noção que podemos aprender também no hospital.

Apresento a pedagogia hospitalar que incluída ao direito do aluno internado continuar com os estudos, ter uma educação de qualidade também dentro do hospital, como também mostro mais uma área a ser experienciada pelo pedagogo, o papel do pedagogo no hospital, pois foi em um hospital que realizei parte do estágio do segundo semestre de 2021, após todos os estagiários serem vacinados. É sobre esta etapa presencial que tratarei nesse capítulo, o estágio realizado no hospital municipal infantil de Imperatriz.

2.1 A realização do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar

O estágio supervisionado é compreendido como um processo de experiência e prática, que aproxima o acadêmico da realidade de sua área de formação e o ajuda a compreender diversas teorias que conduzem ao exercício da sua profissão. É um elemento essencial para o desenvolvimento dos alunos de graduação, sendo também, um lugar de aproximação entre a universidade e a sociedade, permitindo uma integração à realidade social.

A Lei 11.788, 25 de setembro de 2008, apresenta em seu artigo primeiro o estágio supervisionado como um ato educativo que possibilita o desenvolvimento do estagiário no ambiente de seu trabalho. Isso porque esta etapa formativa fornece ao estagiário um momento de reflexão sobre o que já tenha estudado anteriormente com a realidade do campo de estágio.

Igualmente, a Resolução nº.1191-CONSEPE da UFMA, discorre que o estágio é um componente curricular integrante do projeto pedagógico dos cursos de graduação, dentro da perspectiva de articular a teoria e a prática no processo de formação profissional.

Essa Resolução baseada na Lei 11.788 de setembro de 2008, se convergem e vem reforçar ao acadêmico o direito ao estágio, destacando a grande relevância e sustentação para a sua formação profissional, garantindo ao estudante um ambiente que se identifique com o trabalho que irá desempenhar, que seja capaz de inclui-lo no mercado de trabalho.

Segundo Pimenta e Lima (2010, p. 34) “também, com frequência, se ouve que o estágio tem de ser teórico-prático ou seja, que a teoria é indissociável da prática”. Com isso, esclarecem as diferentes experiências que o estagiário pode descobrir no campo de estágio, além de fazer associação entre a teoria e a prática em caráter reflexivo, pois segundo elas teoria e prática devem andar juntas, uma complementa a outra, logo, o estagiário no campo consegue fazer essa reflexão principalmente trazendo para a prática as suas vivências em sala de aula com seus professores, na sociedade e em outros espaços que promovam conhecimento.

O reducionismo dos estágios às perspectivas da prática instrumental e do criticismo expõe os problemas na formação profissional docente. A dissociação entre a teoria e a prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas o que evidencia a necessidade de explicar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria *ou* prática). (PIMENTA, 2010, p. 41)

Para entendermos a ideia da autora é preciso perceber que ela enfatiza o trabalho decente como uma *prática* social, que acompanhada com a ação do docente, da prática do cotidiano, pode contribuir com a sociedade. Visto que a educação ocorre dentro e fora das escolas. A *ação* como menciona as autoras pode ser entendida como as pessoas se apresentam, com sua visão de mundo e seus conhecimentos, que incorporadas as suas práticas com o seu jeito de ser, seus objetivos, suas metas, seja de uma forma original ou pela reprodução de modelo de ensino. Por isso a teoria está sempre relacionada a prática no fazer pedagógico. Isso explica porque muitas escolas não conseguem oferecer uma boa qualidade de ensino para seus alunos, e o estágio se faz necessário para que o estagiário tenha essa reflexão.

Outrossim no estágio, Pimenta e Lima (2010) problematizam a prática, do estagiário, que vai desde a imitação de modelo que já tenha vivido antes, como se fosse uma receita padronizada, com a reprodução de técnicas. “A prática como imitação de modelos tem sido denominada por alguns autores ‘artesanal’

caracterizando o modo tradicional da atuação docente, ainda presente em nossos dias.” (PIMENTA; LIMA, 2010, p.35). Porém compreendo através do texto das autoras que devemos organizar, criar a nossa prática pessoal por meio dos conhecimentos teóricos, integrando as nossas ações, o *saber fazer*, com novas perspectivas a serem incluídas com um currículo mais abrangentes.

Iniciamos o estágio no dia 16 de julho de 2021, com aulas virtuais informando como seria o funcionamento. Parte seria remota, nas escolas que estavam funcionando apenas pelo modelo remoto e outra parte seria presencial. Ou seja, surgiu a oportunidade de fazermos a parte do estágio presencial no Hospital Municipal Infantil de Imperatriz/MA.

Nos momentos de discussão via Ensino Remoto Emergencial (ERE)², tivemos uma palestra com a supervisora técnica Valdina dos Santos Aguiar, Formação: Graduada em Ciências, Habilitação em Biologia pela UEMA, exerce o cargo de Professora/Assessora Técnica do Hospital Municipal Infantil de Imperatriz, em relação ao processo educacional em um ambiente hospitalar, destacando que o nosso trabalho no hospital se assemelharia ao de um professor hospitalar, fazendo acompanhamento com as crianças e realizando atividades educativas, ainda falou sobre a importância desses profissionais nesse campo, e que muitos não conhecem por ser algo que ainda está em aprimoramento em alguns hospitais.

Nessa direção a palestrante falou que as crianças do hospital estavam precisando desse acompanhamento por estarem entristecidas, com saudade da família, da escola e com horas ociosas que poderiam ser preenchidas com aulas, para ajudar na autoestima, contribuindo para a melhora da saúde delas. Então compreendendo a necessidade a Universidade autorizou que fosse realizado o estágio no Hospital Municipal de Imperatriz. Assim se deu a inclusão do pedagogo no hospital.

Destaco ainda que os enfermeiros do hospital já faziam atividades com as crianças na brinquedoteca, mas da forma comum, sem orientação nem planejamento pedagógico. Nossa entrada no hospital formalizou, intensificou as atividades a serem expandidas não apenas na brinquedoteca mais em outros

² O termo “remoto” significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. É emergencial porque do dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado. (BEHAR, *on-line*, 2020, s/p. destaque do original)

espaços do hospital. Além de promover apenas distração com a finalidade maior a aprendizagem.

No dia 26 de julho de 2021, fomos a campo no Hospital Municipal Infantil de Imperatriz e iniciamos com a observação do espaço hospitalar, da brinquedoteca e elaboramos o plano de atividades, pensando e discutindo em grupos sobre quais atividades seriam mais adequadas para crianças que estavam sendo atendidas nas dependências do hospital. Tudo isso sobre a supervisão do professor supervisor do estágio da universidade.

Fomos bem recebidos pela nossa supervisora técnica que mostrou as dependências do hospital e os locais indicados para a nossa mediação, sendo eles: os corredores, sala de medicação, recepção e a brinquedoteca. Tudo limpo e organizado, observamos que fica em uma ótima localização e possui uma boa estrutura física. A seguir podemos visualizar a fachada do hospital:



Foto 4: Hospital Municipal Infantil de Imperatriz
Fonte: Alexsandra Oliveira

Seguimos as recomendações da nossa supervisora técnica sobre as roupas, que seriam sapato fechado, blusa branca ou azul e calça, se possível usar jaleco branco que seria mais adequado ao padrão do hospital. Também usamos máscaras, touca no cabelo, álcool em gel para fazermos higienização das mãos e objetos que seriam utilizados nos momentos da interação com as crianças.

O jaleco é muito importante para fazer atendimento educacional nos hospitais, também por uma questão de higiene e de proteção do profissional em exercício e dos pacientes que estão sendo atendidos. Porém, algumas de nós preferiram usar além de jalecos, enfeites como máscaras de animais, óculos coloridos para chamar atenção das crianças com a finalidade de que elas usem a sua imaginação e por intermédio dessa ação aproximar-nos mais do cotidiano escolar delas.

Por ser um hospital infantil, os pacientes tem até 12 anos de idade, todos os dias entram crianças novas, outras recebem alta, então é um público que não é fixo, por essa razão as atividades tem que ter essa características abrangentes que contemple todas essas faixas etária.

Percebemos ainda que na brinquedoteca do hospital possui muitos brinquedos, jogos, fantoches, dedoches, lápis de pintar, livros infantis, um quadro branco para fazermos atividades e explicações. Porém, faltam brinquedos e material pedagógico que atenda as crianças maiores, como material dourado, jogos de tabuleiro, material para alfabetização e outros. Dessa forma buscamos oferecer para as crianças atividades de acordo com suas idades, que foram planejadas antecipadamente e desenvolvidas durante nosso estágio. Isso porque

A educação no espaço hospitalar tende a humanizar o atendimento de reabilitação da saúde da criança hospitalizada, pois promove uma interação paciente–equipe médica–família–profissionais da educação em que é possível criar um diálogo entre os sujeitos contribuindo, no estado biopsicos-social da criança. Essa atuação da educação com a saúde tem favorecido para diminuir o período de internação, garantir os direitos da criança e do adolescente à escolarização e à saúde, e também tem transformado o espaço triste e doloroso do hospital em local de aprendizagem, encantamento e reabilitação da saúde e da educação. (SILVA; ANDRADE, 2013, p. 63)

No hospital, vivenciamos diariamente a pedagogia hospitalar através das nossas ações educativas durante uma semana, com atividades práticas especializadas para paciente infantil hospitalizado. Entendendo que o ensino dentro das salas de aulas é tão significativo como fora dos muros da escola. Vemos a criança como um sujeito de direito para continuar com os seus estudos também em ambientes hospitalares. Dessa forma, observa-se que:

Com isso, é importante entendermos que a criança hospitalizada, mais que o adulto, necessita de atividades que se aproximem de seu cotidiano, e que ela possa ser vista pela equipe médica como um ser

humano que carrega uma trajetória de vida com saberes fundamentais e estruturantes enquanto pessoa e cidadã. (SILVA; ANDRADE, 2013, p. 62)

Notoriamente, percebemos que quando as famílias vão ao hospital procurando por um atendimento médico para seus filhos, eles estão adoentados, sentindo dor, às vezes chorando por causa do desconforto da agulha da injeção, nesse momento as crianças precisam ser acolhidas, de distração, diminuindo seus sofrimentos e o de suas famílias.

Dentro desse contexto a educação no hospital tem muitas funcionalidades, contribui positivamente com o estado emocional da criança levando para a melhorar do seu quadro de saúde, além de poder continuar com os estudos, não perder nenhum conteúdo e está apta a voltar para as aulas depois que sair do hospital.

Meu grupo de estágio, inicialmente, era composto por mim e Fátima Cristina, depois nos juntamos e assim compartilhamos os trabalhos com outras estagiárias: Iraene Brito, Claudiane Maia e Juliana Paixão. Nosso horário foi das 14:00 às 18:00 horas, de segunda-feira à sexta-feira durante uma semana.



Foto 5: Estágio Supervisionado em Magistério e Anos Iniciais I e II
Fonte: Iraene Brito

Ao iniciar o estágio percebemos que a pedagogia hospitalar é muito diferente do que imaginávamos, mesmo tendo uma brinquedoteca que as crianças já utilizavam juntamente com a equipe do hospital, outros espaços também foram utilizados, como recepção, sala de medicação, como já mencionei anteriormente.

Nossa proposta foi levar atividades pedagógicas, o lúdico, pintura e contação de história que são fundamentais para o desenvolvimento das crianças hospitalizadas.

Nesse seguimento desenvolvemos atividades que faziam parte do cotidiano deles, uma aula trabalhamos matemática, brincadeiras, músicas infantis como o Thuthuê e a música 1, 2, 3 Indiozinhos, continuamos com os origamis, porque entendíamos que era uma atividade que eles podiam realizar de forma individualizada, evitando o compartilhamento de materiais, então ensinamos o origami do barquinho. Outras atividades foram incluídas para atender as crianças de 07 a 12 anos como o Tangram, atividades impressas, material dourado e sequência numérica. Todas as atividades tinha uma sequência didática, organizadas, previamente planejadas para atender a todos os alunos internados no hospital a fim de contribuir com as aprendizagem deles.

Dentro desse contexto, ter a oportunidade de estar com as crianças e participar de suas histórias, ouvi-las sobre a saudade que sentiam de casa, da escola e diziam também o motivo de está internado foi emocionante; da mesma forma elas também participavam da nossa história, privilegiando o nosso conhecimento.

Por esse motivo, sempre conversamos com as crianças procurando a melhor forma de apresentar um bom trabalho que promovesse aprendizagem e conforto. Como o procedimento é educativo, nos apresentamos, falamos sobre o que faríamos no hospital, pedimos para que falassem o nome, a idade e a série que estavam estudando na escola. Após essas informações tivemos base para as próximas atividades.

2.2 As contribuições do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar, para formação acadêmica

Ao meu ver, o hospital, como campo de estágio para acadêmicos do curso de Pedagogia me pareceu algo inovador, pois não conhecia essa área de atuação do pedagogo. Depois de estudar sobre o assunto percebi o quanto é fundamental esse profissional nos hospitais, pois contribui para o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças hospitalizadas.

O medo do desconhecido, como também as situações em que as crianças estavam adoentadas, me fizeram ter certo receio de permanecer no estágio. Logo depois de conversas com minha parceira de estágio, decidi ficar mais um tempo, e as crianças começaram a chegar com suas famílias, nesse momento me dei conta de que elas estavam fazendo um esforço para compartilhar conosco. Envolvi-me com elas, o medo não me assustava mais e continuamos com nossas atividades já programadas, levando muita alegria para as crianças.

As crianças também foram se aproximando porque elas também estavam assustadas. Quando perceberam que nossa função era educativa, ficavam esperando nas enfermarias, quando o nosso grupo passava por perto, elas perguntavam *tia que horas nós vamos para brinquedoteca*. Enchia-me de orgulho, porque elas percebiam que nosso trabalho é com a educação.

Em outro momento uma criança avistou nosso grupo andando pelo corredor do hospital usando máscara dos três porquinhos, logo interagiu perguntando se era a história dos três porquinhos. Respondemos que sim. Imediatamente ela identificou que os porquinhos eram irmãos, tinha o irmão mais velho, o do meio e o mais novo. Perguntamos se o lobo mal iria se dar bem na história, ela respondeu que não. Depois continuamos interagindo com outras crianças.



Foto 6: Estágio Supervisionado de Magistério e Séries Iniciais I e II
Fonte: Iraene Brito

Esse trabalho foi uma de nossas ações. Fizemos uma dramatização cantada da história dos três porquinhos, em seguida ensinamos a fazerem o origami do porquinho além de outras atividades impressas. É impressionante como as crianças participam, dançam, levantam a mão dentro de suas possibilidades, melhor ainda é

o reconhecimento dos responsáveis que estão acompanhando elas. Foram dias muito bons de muito aprendizado.

A dramatização é uma metodologia pedagógica utilizada pelos professores para trabalhar a oralidade e linguagem das crianças. No faz de conta podemos contar história de forma teatral para que elas assumam sua manifestação própria em relação aos personagens, isso porque a criança tem propriedade do seu convívio social, também pelo o uso da imaginação são capazes de se relacionarem com as histórias auxiliando no processo de aprendizagem. Em concordância com o PCN de Arte, acredito que

O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da fluência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio. (BRASIL, 1997, p. 57)

Identicamente, podemos notar que antes das crianças irem para a escola é na família o primeiro contato com o mundo, depois a criança começa a ir para a escola, local onde é ensinada a explorar o mundo, por meio das relações com os professores e os coleguinhas. As histórias contadas de forma dramática são mais fáceis de serem compreendidas pelas crianças despertando os sentimentos de alegria, bravura e tristeza.

Enfatizamos as atividades práticas e brincadeiras, porque essas atividades estão mais próximas da realidade deles, trazendo sentido para sua imaginação e buscando outras possibilidades para a realização das tarefas propostas, pois “As práticas educativas desenvolvidas no hospital se efetivam a partir de ações que articulam o brincar e o aprender, mediante situações que instigam o desejo, a motivação, o interesse, a autoestima, a atenção, a inteligência e a criatividade.” (SILVA; ANDREDE, 2013, p. 64).

O brincar faz parte da natureza humana, desde bebês as crianças brincam, favorecendo o seu desenvolvimento, tornando o momento da internação menos doloroso, ajuda a ocupar o tempo enquanto as crianças estão nas dependências do hospital. Elas podem aprender coisas novas, além de aprimorar o que já sabem,

mais ainda ajuda a criança na sua recuperação para voltar logo para as suas atividades cotidianas.

Com isso, notamos a importância do brincar, e o quanto a brincadeira é essencial no desenvolvimento infantil. Percebemos, através das nossas ações, que as crianças se divertiam, se distraíam e aprendiam. Algumas vezes vimos as enfermeiras entrarem na brinquedoteca informando que já havia chegado a hora da medicação, isso porque elas estavam participando ativamente das atividades e não tinham visto a hora passar. O papel do pedagogo é realmente esse, de fazer a conexão entre o mundo do hospital e o cotidiano da criança, auxiliando na construção da autoestima e autocontrole emocional, ajudando na humanização do atendimento a criança hospitalizada.

Com isso percebemos a importância da psicologia das emoções, das ideias desenvolvidas por Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962), que defendia o desenvolvimento humano como orgânico e social, a afetividade e as emoções das crianças podem alternar a partir desses dois fatores e de como são apresentadas a elas. Se a criança sente fome, sede, ou dor, podemos dizer que são fatores orgânicos, a maneira que as crianças são vistas e cuidadas vai ser o diferencial em suas emoções pelo meio social, que é a família, a escola, hospital e outros. Para Ferreira e Acioly-Régnier (2010, p. 26):

a teoria walloniana resgata o orgânico na formação da pessoa, ao mesmo tempo em que indica que o meio social vai gradativamente transformando esta afetividade orgânica, moldando-a e tornando suas manifestações cada vez mais sociais. Assim, temos um laço de união entre o corpo e o meio social, formando o que na tradição filosófica francesa denomina-se *entre-deux*,

Compreendo que as relações entre o orgânico e o social em que somos constituídos, podemos analisar por intermédio desses dois princípios como os seres humanos se desenvolvem. Nesse caso posso exemplificar, quando uma criança sente dor e fica curada desperta uma sensação de bem-estar, da mesma forma é uma criança quando consegue aprender o que o professor ensina, aflora um sentimento de felicidade, por se integrar naquele contexto social. Dentro do que está sendo vivenciado pelas crianças em diversos lugares em que ela está inserida pode desencadear um conjunto de sentimentos que ainda podem ser experimentados.

Enfim, todo esse processo de ensino e aprendizagem me transformou em quanto pessoa e profissional. Aprendi a superar meus medos, trabalhar coletivamente com as colegas de estágio e ter a sensibilidade para perceber que a educação me transforma à medida que transforma o outro, de forma instantânea nos modifica e essas mudanças são projetadas e adaptadas em nossas construções pessoais e como futura docente.

No primeiro dia de estágio eu fiquei temerosa, mas muito feliz é uma mistura de sentimentos talvez por ser algo inovador para o meu entendimento, pois transferir esse processo de educação que tínhamos para fora da escola não foi uma tarefa fácil. É preciso fazer uma reflexão e nessa reflexão foi que eu me encontrei “quem eu sou, qual o motivo de estar ali”. O medo que tinha era um medo particular, como: será se é possível ensinar dentro do hospital, também como iria me colocar como educadora para crianças, e qual seria a melhor maneira de ensinar. Todos esses questionamentos me guiaram e foram um norte para fazermos o plano de atividades que seriam apresentados as crianças, sempre se colocando no lugar do outro.

Passar por essa experiência me fez ser uma pessoa mais compreensiva, aprendi que é necessário trabalhar em parcerias e entendi que estamos sempre em um processo contínuo de conhecimento. Isso me lembrou dos estudos freireanos que em seus relatos nos faz entender que o professor não nasce professor vai se tornando professor a partir das suas experiências, traumas e reflexões feitas por meio de práticas teóricas pedagógicas. “Na verdade, não nasci marcado para ser um professor a esta maneira, mas me tornei assim na experiência de minha infância, de minha adolescência, de minha juventude.” (FREIRE, 2001, p. 42).

Sair da caixinha às vezes nos provoca sentimentos que não conhecemos, mas como nos sentimos, fará a diferença em nossa postura em determinada circunstância da nossa vida em relação as nossas ações futuras.

2.3 As problemáticas encontradas no Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar

Identificamos que, para fazer atendimento educacional em hospitais, as atividades devem ser diferentes a da que são oferecidas pela escola, isso porque os espaços do hospital são pequenos e a dinâmica é outra. No momento da nossa ação tivemos que nos dividir: o primeiro momento foi na recepção, depois na sala de

medicação e por último na brinquedoteca. Nesse sentido tivemos que fazer a junção de tarefas para os pacientes em que estavam em atendimento em todos esses espaços do hospital.

Para Oliveira (2019) a organização dos espaços hospitalares há de se considerar os intervalos de tempo, e um desses tempos está relacionado com a prática educativa juntamente com o tratamento de saúde, assim, esse tempo vai ser de acordo com a disponibilidade do paciente/aluno e do estado clínico de saúde em que se encontra para participar das atividades

“(...) no espaço da classe hospitalar em si, nos leitos das enfermarias, em quartos de isolamento ou em casos especiais na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), e em demais espaços do contexto hospitalar – refeitório, corredores, sala de espera para consultas.” (OLIVEIRA, 2019, p.193).

Desse modo, o professor observa tudo em sua volta, ouve atentamente a equipe de saúde do hospital e pensa no que poderia ser feito, pois continuam sendo alunos e precisam da mesma atenção, por isso, ficar atento no que se refere a rotina dos internados também é importante, pois respeitar seu tempo para realizar as atividades, para medicação, o lanche e repouso, é fundamental para o trabalho do pedagogo hospitalar.

Dito isso enfatizo, é preciso esclarecer que não fizemos trabalhos na UTI e nem na sala de síndromes gripais, por causa da pandemia da covid-19 e das recomendações da nossa supervisora técnica do hospital, que sugeriu que ficássemos distantes dessas salas para evitar a proliferação de doenças.

Vale frisar uma problemática avistada. Montamos os nossos planos de atividades em grupos, porém não foi juntamente com a equipe do hospital. Suponho que por uma questão de organização cada um faz a sua função, por ser um ambiente emergencial.

As pesquisas na Pedagogia Hospitalar e na saúde ainda caminham em paralelo e com poucas integrações das áreas e integração entre grupos de estudo. Nas práticas educativas, poucos professores são considerados como integrantes da equipe dos hospitais e ainda desenvolvem trabalhos isolados. (PAULA, 2015, p.12863)

Outrossim, concordo com a autora no sentido de que muitos profissionais fazem trabalhos isolados dentro dos hospitais, porque não são considerados como

parte integrante dos profissionais da saúde, e seus trabalhos de pesquisas estão sempre voltados para o desenvolvimento emocionais e cognitivo das crianças. Os profissionais da educação poderiam ser aproveitados dentro do hospital, porque quando chega uma criança precisando de atendimento, em alguns casos são violência doméstica, obesidade, depressão, acidente doméstico, e prática educativa começa desde acolhimento da criança hospitalizada, até promover palestra para prevenção e conscientização das famílias, contudo os professores devem conhecer essa realidade para contribuir, visando a valorização do sujeito adoecido e de sua profissão:

As tentativas de superação dos problemas nas dificuldades encontradas desde o acolhimento das crianças que chegam nos primeiros dias de internação, até os momentos da alta, são situações vivenciadas diariamente e que, aos poucos, vão constituindo elementos para práticas pedagógicas expressivas no atendimento as pessoas em tratamento de saúde. O fazer pedagógico dos professores e dos estagiários que estão atuando no cotidiano dos hospitais são elementos que estão formando esses profissionais nesse ambiente e contexto educacional. (PAULA, 2015, p.12869).

A formação continuada de professores pode ser melhor compreendida para a inserção do professor com os profissionais da saúde, a pedagogia que o professor utiliza pode contribuir muito com os sujeitos adoentados, sobre ouvir suas histórias, no processo de reconhecimento pessoas, descobrir suas potencialidades, até o momento de retorno para sua família.

Tendo dito isso, enfatizo que trabalho como esse pode fortalecer a formação de professores para atuarem nessa área, o conjunto de conhecimento que agregamos durante a nossa formação irão nos dar o norte de como atuamos em espaços não escolares, é importante lembrar que o curso de pedagogia, as práticas pedagógicas desenvolvidas diariamente no hospital mais a formação continuada de professores irão ser o subsidio suficiente para a atuação do pedagogo em outros lugares que promovam educação, porém, os desafios que encontramos no campo de estágio poderão favorecer um currículo voltados para esse público, que contemple a sua realidade deles e os ajude a continuar aprendendo.

CONCLUSÃO

Minha experiência no campo do estágio obrigatório foi essencial para minha formação enquanto futura pedagoga. A ida para o hospital foi o resultado da pandemia da covid-19, mas que foi significativo e só contribuiu para minha humanização e formação, pois com aulas para as crianças que estavam internadas pude realizar orientações sobre brinquedos pedagógicos, livros de literatura infantil, atividades lúdicas para o desenvolvimento e recuperação delas.

No decorrer desse trabalho relato como a experiência do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II no âmbito da pedagogia hospitalar contribuiu para minha formação docente? Da mesma forma explico os objetivos: 1. Narrar a experiência do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II, no âmbito da pedagogia hospitalar 2. Analisar as contribuições do Estágio em Magistério de Séries Iniciais I e II no âmbito da pedagogia hospitalar, para minha autoformação 3. Identificar as problemáticas encontradas na inserção do pedagogo/a no âmbito da pedagogia hospitalar. Diante de tudo que apresentei nesse trabalho, bem como nos resultados dessa pesquisa, declaro que todos os objetivos foram alcançados.

A pedagogia hospitalar teve uma expressividade muito significativa para minha formação acadêmica. Ter a oportunidade de estar junto com essas crianças foi muito enriquecedor, pois aprender e ensinar dentro de um espaço não escolar foi desafiador, contudo, muito gratificante. Aprendi que o planejamento é fundamental, assim como o trabalho em equipe, pois sozinhos não se consegue realizar muitas coisas.

Posso dizer que, atividades pedagógicas no hospital ajudam na recuperação das crianças, pois muitas delas estavam com saudade da escola, e ter esse tempo conosco foi um momento de aprender, brincar e compartilhar saberes. Mesmo estando em um ambiente hospitalar éramos chamadas de tias/professoras, não perdemos a característica de professor, e elas vivenciaram uma rotina escolar, com atividades que estavam de acordo com as faixas etárias.

Assim a pedagogia tem muito a contribuir com os hospitais, na humanização do ambiente, acolhida e acompanhamento das crianças que estão internadas, para poderem continuar com os estudos e comunicação com o ambiente escolar.

Contudo, nem tudo são flores, pois no ambiente hospital a sintonia da equipe que cuida das crianças precisa ser constante e integrada, algo que ainda necessita

acontecer onde o estágio foi realizado, pois não há um pedagogo trabalhando na equipe, ainda falta compreensão de médicos e enfermeiros sobre a importância desse profissional trabalhando com eles, para a recuperação das crianças hospitalizadas. Quando há esse profissional, eles fazem trabalhos isolados dentro dos hospitais, porque não são considerados como parte integrante dos profissionais da saúde, mesmo seus trabalhos estarem voltados para o desenvolvimento emocionais e cognitivo das crianças.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. C. Práticas de castigos escolares: a palmatória como símbolo em salas de aula sergipanas. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2013, Cuiabá. **Anais do VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, v.1, p. 1-15, 2013.

ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção por Uma Educação Básica no Campo, nº 2.

BARROS, M. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BALEIRO, Z. **Matemática: Zureta**, vol. 2. Saravá Disco. 2018. Faixa 04. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=45ZddVPxZsw>> Acesso em 12/10/2021

BEHAR, P. A. **O ensino remoto emergencial e a educação a distância**. UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acessado em 08 de nov. de 2022

BRASIL. Ministério da Educação. Lei Nº 11.788. Dispõe sobre o estágio de estudantes, 2008.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CRUZ, D, M; VENTURA, L. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 426-446, jan./mar. 2019

FERREIRA, A. L; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010.

LÜCK, H, **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

MAGRÃO, S.; SÁ, L. Caçador de mim. Intérprete: Milton Nascimento. In: **A Arte de Milton Nascimento**. Polygram, 1988. Faixa 10.

MARTINS, B. **Oprimidos da Pedagogia: de Paulo Freire à educação democrática / Bruno Martins**. - São Paulo: Nibelungo. 2014 p. 132

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**, Brasília. 2006.

MOURA, J. F. **Pesquisa-formação: marcas, resistências e apropriações reveladas pela escrita de si no processo de formação acadêmica do estudante de pedagogia que ensina(rá) matemática**. Tese. 228p. Itatiba, 2019.

OLIVEIRA, R. C. A. M. **Experiências pedagógicas em classe hospitalar**: por uma formação docente especializada. Natal. 2019.

PASSEGGI, M. C. A experiência em formação. **Educação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011

PAULA, E. M. A. T. **Formação de professores para atuação na Pedagogia Hospitalar: reflexões e perspectiva**. In: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, COMPLEXIBILIDADE E TRABALHO DOCENTE, XII Congresso Nacional de Educação, 2015, UEM/PR. p. 12856 -12874. Disponível em <https://docplayer.com.br/62208623-Formacao-de-professores-para-atuacao-na-pedagogia-hospitalar-reflexoes-e-perspectivas.html>. Acesso em 26 de agosto de 2022.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. Revisão técnica Jose Cerchi Fusari, 5º ed. São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleção docência em formação. Series saberes pedagógicos).

FREIRE, P. 1921 – 1997. **Política e educação**: ensaios 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

SILVA, N.; ANDRADE, E. S. **Pedagogia Hospitalar**: fundamentos e práticas de humanização e cuidado. Cruz das Almas/ BA: editora UFRB, 2013

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZANON, D. P., ALTHAUS, M. T. M. **Possibilidades didáticas do trabalho com o seminário na aula universitária**. In: VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPEDSUL, 2010, Londrina.

UFMA. CONSEPE. **Resolução Nº 1191**. Regulamento de estágio dos cursos de graduação da UFMA, 2014.